



A Revista HISTEDBR On-line publica artigos resultantes de estudos e pesquisas científicas que abordam a educação como fenômeno social em sua vinculação com a reflexão histórica

**Correspondência ao Autor**

Nome: Moacir Fernando Viegas  
E-mail: moacirfviegas@gmail.com  
Instituição: Universidade de Santa Cruz do Sul, Brasil

Submetido: 16/05/2022

Aprovado: 09/08/2022

Publicado: 05/12/2023

doi> 10.20396/rho.v23i00.8669299

e-Location: e023036

ISSN: 1676-2584

**Como citar ABNT (NBR 6023):**

VIEGAS, M. F.; BREUNIG, Y.  
Trabalho doméstico, cuidado e envelhecimento: condicionamentos e arranjos na prática social de professoras da educação básica.  
Revista HISTEDBR On-line, Campinas, SP, v. 23, p. 1-24, 2023.  
DOI:

10.20396/rho.v23i00.8669299.

Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8669299>. Acesso em: 5 dez. 2023.

Distribuído Sobre



Checagem Antiplágio



## TRABALHO DOMÉSTICO, CUIDADO E ENVELHECIMENTO: CONDICIONAMENTOS E ARRANJOS NA PRÁTICA SOCIAL DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA<sup>1</sup>



**Moacir Fernando Viegas\***

Universidade de Santa Cruz do Sul



**Yohanna Breunig\*\***

Universidade de Santa Cruz do Sul

### RESUMO

O artigo propõe-se a discutir o trabalho doméstico e o envelhecimento no trabalho docente, temas pouco abordados no campo trabalho e educação. O objetivo principal, que articula esses dois temas, é descrever, analisar e explicar os condicionamentos sofridos pela sobrecarga e intensificação do trabalho, assim como os arranjos que são produzidos pelas mulheres professoras para lidar com os mesmos em suas vidas. O artigo apoia-se teoricamente em teorias críticas sobre as principais categorias que sustentam a abordagem, quais sejam, gênero, cuidado, trabalho reprodutivo, trabalho doméstico e classe social. A discussão toma como base os resultados obtidos de dois estudos, que contaram, no total, com 219 professoras da educação básica de 18 municípios da região do Vale do Rio Pardo ou circunvizinhos a mesma, no estado do Rio Grande do Sul. Como instrumentos de produção dos dados, as pesquisas utilizaram questionário, entrevista semiestruturada e grupo de discussão. Ao apresentar os arranjos que as professoras mulheres produzem para enfrentar a intensidade e a sobrecarga no âmbito profissional e doméstico, os resultados do estudo demonstram como o cuidado e o gênero constituem fundamentos essenciais da prática social docente. O texto conclui, assim, pela necessidade de que tais fundamentos sejam melhor considerados nos estudos sobre o trabalho docente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Trabalho docente. Cuidado. Trabalho doméstico. Gênero. Envelhecimento.

**DOMESTIC WORK, CARE AND AGING: CONDITIONS AND ARRANGEMENTS IN THE SOCIAL PRACTICE OF WOMEN TEACHERS AT BASIC EDUCATION**

**Abstract**

The article aims to discuss domestic work and aging in the field of teaching, topics that are little addressed in the environment of work and education. The main objective, which discusses these two themes is to describe, analyze and explain the conditions suffered by the overload and intensification of work, as well as the arrangements that are produced by women teachers to deal with them in their lives. This article is theoretically based on critical theories about the main categories that support the approach, namely gender, care, reproductive work, domestic work, and social class. This discussion is based on the results obtained from two studies, which included, in total, 219 women teachers of basic education from 18 counties in the Vale do Rio Pardo region or surroundings, in the state of Rio Grande do Sul. As instruments of data production, the researchers used questionnaires, semi-structured interviews, and discussion groups. By presenting the arrangements that women teachers produce to face intensity and overload in the working and domestic fields, the results of the study show that care and gender are essential foundations of teaching social practice. Therefore, the text concludes with the need for studies on teaching work that incorporates these fundamentals more effectively.

**Keywords:** Teaching work. Care. Domestic work. Gender. Aging.

**TRABAJO DOMÉSTICO, CUIDADO Y ENVEJECIMIENTO: CONDICIONAMIENTOS Y ARREGLOS EN LA PRÁCTICA SOCIAL DE LAS MAESTRAS DE EDUCACIÓN BÁSICA**

**Resumen**

El artículo se propone a discutir el trabajo doméstico y el envejecimiento en el trabajo docente, temáticas poco discutidas en el campo de trabajo y educación. El objetivo principal, que articula los dos temas, es describir, analizar y explicar los condicionamientos sufridos por la sobrecarga e intensificación del trabajo, así como los arreglos que son producidos por las mujeres maestras para tratar con los mismos en sus vidas. El artículo se basa teóricamente en teorías críticas acerca de las principales categorías que apoyan el enfoque, que sean, género, cuidado, trabajo reproductivo, trabajo doméstico y clase social. La discusión se basa en los resultados obtenidos en los estudios, que incluyeron, en total, a 219 maestras de educación básica de 18 municipios en la región del Vale do Rio Pardo o en alrededores, en lo estado de Rio Grande do Sul. Como instrumentos de producción de datos, las buscas utilizaron cuestionario, entrevista semiestructurada y grupo de discusión. Al presentar los arreglos que las maestras producen para enfrentar la intensidad y la sobrecarga en el ámbito profesional y doméstico, los resultados del estudio muestran que el cuidado y el género constituyen fundamentos esenciales de la práctica social docente. El texto concluye, por tanto, por la necesidad de que los estudios acerca del trabajo docente incorporen estos fundamentos de manera más eficaz.

**Palabras clave:** Trabajo docente. Cuidado. Trabajo doméstico. Género. Envejecimiento.

## INTRODUÇÃO

Neste artigo abordamos dois temas pouco explorados na literatura acadêmica que discute o trabalho docente, quais sejam, trabalho doméstico e envelhecimento. O que articula a discussão desses dois temas são os condicionamentos sofridos pela sobrecarga e intensificação do trabalho e os arranjos produzidos pelas mulheres professoras para lidar com os mesmos em suas vidas. O texto é apoiado em resultados de dois estudos que contaram, no total, com 219 professoras<sup>2</sup> da educação básica de 18 municípios da região do Vale do Rio Pardo, estado do Rio Grande do Sul.

Embora não seja novo falar da dupla jornada de trabalho no magistério, constatamos na área da Educação a ausência de pesquisas que discutam de forma integrada as diferentes jornadas das professoras, assim como a pouca discussão sobre as relações entre o trabalho das docentes e o trabalho doméstico e de cuidado. Essa ausência se insere num contexto latino-americano onde, para Miranda e Arancibia (2017), pouco se avançou na discussão das articulações entre educação e trabalho a partir de uma perspectiva de gênero.

O trabalho docente na educação básica, realizado por uma ampla maioria de mulheres, caracteriza-se por grande intensidade e sobrecarga. Além disso, o fato de as professoras realizarem atividades escolares no espaço privado faz com que tenham menos tempo para realizar o trabalho doméstico e de cuidado, aumentando a intensidade desses últimos, fazendo com que o cansaço acumulado em atividades que não raro vão até a madrugada torne o trabalho mais penoso. As professoras ainda enfrentam a redução da porosidade<sup>3</sup> do trabalho doméstico, pois o aumento da intensidade desse é historicamente maior do que a diminuição da intensidade proporcionada pelos serviços e bens consumidos pela classe trabalhadora (Bernardo, 1991; Cau-Bareille, 2014).

O magistério é uma profissão feminizada. O trabalho das professoras tem muito das características do cuidado, especialmente na educação infantil, carregando as propriedades de naturalização e desvalorização das atividades dessa natureza (Contatore; Malfitano; Barros, 2019), resultado de um processo histórico que se revela principalmente nas atividades de serviços (Yannolas, 2011). Para Federici (2019, p. 74), em todos os lugares onde vão, as mulheres carregam, juntamente com a histórica construção como amas de casa, as habilidades domésticas que a elas são delegadas desde o nascimento, de modo que o trabalho assalariado frequentemente as leve a desempenhar mais trabalho doméstico.

Apesar da interdependência existente entre o trabalho doméstico e de cuidado e o trabalho docente, estas esferas apresentam-se socialmente como separadas. Para Boris (2014), tal separação assume a forma de uma cisão ideológica, impedindo que se perceba que objetiva e subjetivamente essas esferas da vida conformam uma à outra.

Marcondes (2013) assinala a existência de um entrelugar entre o cuidado realizado na família e o cuidado profissional, espaço onde são produzidos arranjos para a provisão do cuidado, enquanto Guimarães, Hirata e Sugita (2011, *apud* Marcondes, 2013, p. 158)

destacam a “[...] notável fluidez de fronteiras que obscurece os limites entre trabalho profissional e o tradicional trabalho doméstico remunerado de ‘tomar conta’, de ‘cuidar’”. Embora essas últimas autoras se refiram ao trabalho doméstico remunerado, entendemos que a mesma fluidez é encontrada entre o trabalho doméstico não remunerado e certas atividades profissionais, como trabalho docente, em que o cuidado está bastante presente.

Nesse sentido, é importante que a literatura acadêmica, no caso em particular os estudos sobre o trabalho docente, dedique-se a compreender as articulações entre trabalho doméstico, cuidado e trabalho docente, de forma a contribuir para romper a cisão ideológica existente entre essas esferas, compreendendo as formas como essas esferas conformam uma à outra.

O envelhecimento, o segundo dos dois temas que abordaremos, atinge as docentes desde o início da carreira, ou mesmo antes dessa ser iniciada formalmente, já que na atualidade muitas jovens, ainda adolescentes, começam a lecionar antes de concluir sua formação profissional. As professoras fazem uso intensivo do corpo a todo momento e, na medida em que vão envelhecendo, vivenciam alterações físicas e psíquicas (Ferreira *et al.*, 2012), fruto do desgaste de sua força de trabalho. Surgem problemas de saúde em que estresse, desgaste emocional, cansaço mental e ansiedade estão presentes, resultando com frequência em adoecimento (Duarte; Mendes, 2015; Gomes, 2016).

A luta pela preservação da saúde inicia muito cedo, dada a penosidade do trabalho docente associada ao esforço despendido no trabalho doméstico. Essa luta envolve a produção de arranjos nas atividades realizadas no trabalho doméstico e no trabalho escolar, os quais assumem distintas formas ao longo da carreira.

Compreendemos que o termo **arranjo** se mostra apropriado para designar a prática social que desejamos evidenciar na análise do trabalho das mulheres professoras. Entre os primeiros significados do termo **arranjar** (Ferreira, 1975, p. 136) estão: “[...] pôr em ordem; colocar ou dispor convenientemente, com acerto e regularidade” e “[...] arrumar, compor”, dando-se como exemplo “[...] arranjou a louça no armário”. E, também, “[...] consertar, reparar, compor” (Ferreira, 1975, p. 136). Quanto a **arranjo**, Ferreira (1975, p. 136) apresenta como um dos significados “[...] administração e/ou arrumação doméstica”. Assim, além de se aproximar das qualidades do trabalho feminino, **arranjar** e **arranjo** se referem a algo que está em desordem, desarrumado, que necessita ser reparado.

Desse modo, nossa intenção é apresentar uma discussão que contemple os condicionamentos do trabalho e os arranjos produzidos pelas mulheres professoras para reorganizar suas atividades profissionais e domésticas em função da sobrecarga e intensificação que as acompanham da juventude ao envelhecimento, comentando também os efeitos de uns e de outros.

## TRABALHO DOCENTE, TRABALHO DOMÉSTICO E GÊNERO

Enquanto docentes que atuam na educação básica, as mais de dois milhões de professoras brasileiras integram a classe trabalhadora, ou seja, estão inseridas na relação social de produção de mais-valia (Bruno, 2011; Nunes, 2011). E o estão duplamente, na medida em que, por sua atividade como trabalhadoras domésticas, igualmente se inserem no mesmo ciclo de produção da mais-valia (Bernardo, 1985, 1991; Federici, 2019). E, como trabalhadoras, as professoras estão inseridas na divisão sexual do trabalho, que compreende um complexo de relações sociais com mediação da categoria de gênero, cujo aspecto central é a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva (Kergoat, 2009). Para Yannoulas (2011), a divisão sexual do trabalho apoia-se em relações sociais hierárquicas, de poder e de dominação, onde homens e mulheres desenvolvem diferentes atividades.

O trabalho reprodutivo, como um componente da reprodução das forças produtivas e das relações de produção capitalistas, envolve o “[...] complexo de atividades e relações graças as quais nossa vida e nossa capacidade de trabalho se reconstruem diariamente” (Federici, 2019, p. 12). Colen (1997, *apud* Brites, 2013, p. 425), define trabalho reprodutivo como o trabalho “[...] físico, mental e emocional necessário para a geração, criação e socialização de crianças, assim como a manutenção de casas e pessoas (da infância até a velhice)”. Constituiu-se historicamente como um atributo feminino, tendo assumido a forma de um “não trabalho” que, assim, se caracteriza pela invisibilidade, sendo, por isso, desvalorizado e não remunerado (Marcondes, 2013).

Como afirma Federici (2019, p. 36), “[...] por trás de toda fábrica, de toda escola, de todo escritório, de toda mina, há o trabalho oculto de milhões de mulheres que consomem sua vida e sua força em prol da produção da força de trabalho que move essas fábricas, escolas, escritórios ou minas”. No caso das professoras, sua participação na reprodução da força de trabalho inclui, além do trabalho doméstico, a atividade profissional, por meio da qual, embora não exclusivamente, são formadas as futuras gerações da classe trabalhadora.

O grande esforço que as mulheres precisam fazer para dar conta das atividades domésticas e do trabalho fora de casa, pressionadas a não descuidar nem de um nem de outro, possui origem histórica, tendo iniciado sua configuração na transição para a sociedade industrial e, aos poucos, constituído a “[...] ideologia da domesticidade<sup>4</sup>, que “[...] situou as mulheres como responsáveis ‘naturais’ do cuidado” (Carrasco; Borderías; Torns, 2011, p. 19). Para Marcondes (2013, p. 259), “[...] ainda que haja diferenças entre uma sociedade e outra, os processos de reprodução da vida viabilizam-se, sobretudo, através do espaço doméstico, o qual organiza a gestão e a sustentabilidade da vida”.

O trabalho doméstico se caracteriza, conforme Kergoat (2002, p. 50), pela “[...] disponibilidade permanente do tempo das mulheres para o serviço da família e mais amplamente dos parentes”. Ademais, o fato de as mulheres assumirem bem mais que os homens o trabalho de reprodução e, com ele, o cuidado e o trabalho doméstico, faz com que as tarefas de articulação entre esferas da vida que se apresentam espaço-temporalmente separadas sejam mais intensas para as mesmas (Cau-Bareille, 2014). Entre as consequências,



há a sensação entre elas de estar fazendo tudo mal feito, “[...] um sentimento de estar despedaçado” que é fonte de esgotamento (Cau-Bareille, 2014, p. 64). Para a autora, grande parte do tempo e da criatividade das mulheres são dedicados a tratar desse conflito que coloca trabalho e família em oposição.

A crescente participação das mulheres na esfera da produção não tem sido acompanhada da participação dos homens na esfera doméstica, permanecendo sem revisão os limites das responsabilidades privadas das primeiras e continuando a seu cargo, em grande medida, “[...] a esfera de reprodução da família, como educação e demais cuidados” (Sousa; Guedes, 2016, p. 123). Isso, aliado à atividade profissional, resulta numa extensa e complexa jornada de trabalho. Pesquisas de usos de tempo feitas em países da América Latina (Itaboraí, 2016) mostram que, devido à desigualdade na divisão sexual do trabalho nas famílias e em que pesem as recentes mudanças nas relações de gênero, as mulheres possuem uma jornada total de trabalho bem maior do que a dos homens. Na realidade brasileira, Sousa e Guedes (2016) afirmam que elas têm dedicado mais que o dobro de tempo gasto pelos homens nos cuidados domésticos (Sousa; Guedes, 2016).

O cuidado ocupa uma parte significativa do trabalho doméstico. Boris (2014, p. 102) considera o *care*, termo inglês para cuidado, “[...] um componente do trabalho reprodutivo que não equivale ao trabalho doméstico, mas é geralmente executado junto com outras atividades domésticas”, o que faz com que a separação entre ambos não se apresente claramente definida. Conforme a autora,

[...] o trabalho de *care* envolve serviços pessoais para outrem: atividades que se voltam para as necessidades físicas, intelectuais, afetivas e para outras demandas emocionais de cônjuges, filhos e pessoas idosas, doentes ou com deficiências. Isso inclui tarefas da vida cotidiana, abarcando a manutenção da casa (Boris, 2014, p. 102).

Para Carrasco, Borderías e Torns (2011, p. 65), o cuidado supõe, sobretudo, um estado mental que significa “[...] responsabilidade contínua, tempo de estar ‘atenta a’, ‘disponível ou vigilante a’; mais que uma ação concreta, representa um tempo potencial de realizar alguma tarefa”. Já para Zelizer (2012, p. 18), as relações de *care* “[...] incluem qualquer tipo de atenção pessoal, constante e/ou intensa que visa melhorar o bem-estar daquela ou daquele que é seu objeto”.

Embora Molinier (2010, p. 162) considere que nas atividades que correspondem ao trabalho de *care* o centro seja o cuidado dos outros, para a autora, visto de maneira ampla, ele está presente “[...] em todas as atividades de serviço, no sentido de que servir é prestar atenção à”. Marcondes (2013, p. 258) define o trabalho de cuidado como uma prática social que visa atender às necessidades humanas, incluindo as emocionais e psicológicas, “[...] pressupondo a interação face a face entre quem cuida e quem é cuidado [...]”.

Neves, Brito e Muniz (2019) notaram em suas pesquisas que as relações de gênero determinam diferentes sentidos que homens e mulheres conferem ao trabalho no magistério,

no qual se percebe facilmente a presença do cuidado. Para as autoras (2019, p. 3), nas mulheres, o sentido do trabalho é permeado “[...] pela afetividade, entrando em ressonância profissão e maternidade”. Destacamos também que tanto as variáveis como as precárias condições do cotidiano, características das atividades do cuidado nas classes trabalhadoras, são parte constitutiva da atividade docente. As professoras apresentam-se disponíveis diante das imprevisibilidades, incluindo no que se refere ao afetivo e aos cuidados com os alunos.

Esta dupla dedicação e disponibilidade permanente na esfera doméstica e profissional resulta em grande sobrecarga e intensidade do trabalho docente, gerando desgaste e contribuindo para situações de estresse, adoecimento físico e psíquico. As professoras enfrentam esses condicionamentos buscando formas de reorganizar suas vidas, de modo a preservar sua força de trabalho e sua capacidade de seguir cuidando da esfera doméstica.

## MÉTODOS

A elaboração deste artigo contou com os resultados de dois estudos desenvolvidos no grupo de pesquisa Trabalho Docente, Cuidado e Classe Social anos de 2018 e 2019 com docentes da educação básica, os quais tiveram como preocupação compreender as condições de trabalho e saúde das professoras, descrever e analisar a intensidade e sobrecarga no trabalho e compreender os arranjos produzidos pelas docentes para enfrentar as adversidades do trabalho. Ambos, pesquisador e pesquisadora, envolveram-se intensamente nos dois estudos. Uma das pesquisas foi de tipo quali-quantitativa, tendo sido realizada em dezoito municípios pertencentes ou circunvizinhos à região do Vale do Rio Pardo, RS. A parte quantitativa envolveu uma amostra de 204 sujeitos que trabalham nas escolas públicas municipais e estaduais e levou em consideração as variáveis sexo, nível de ensino (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio), atuação em escola estadual e municipal, trabalho no centro e periferia e turno de trabalho. Os municípios envolvidos foram Santa Cruz do Sul, Venâncio Aires, Vera Cruz, Rio Pardo, Sobradinho, Passa Sete, Pantano Grande, Passo do Sobrado, Boqueirão do Leão, Vale Verde, Candelária, Encruzilhada do Sul, Gramado Xavier, Lagoa Bonita do Sul, Mato Leitão, Sinimbu, Vale do Sol e Herveiras. O outro estudo foi de tipo qualitativo e contou com a participação de docentes cidades de Santa Cruz do Sul e Candelária.

O questionário foi organizado em três eixos: a) perfil socioeconômico; b) condições de trabalho; e c) saúde e aspectos psicossociais<sup>5</sup>. A aplicação foi realizada por meio de visitas e contatos diretos com professoras de 60 escolas públicas, o que proporcionou que tivéssemos breves, mas importantes interações com as participantes e com o ambiente escolar, possibilitando diálogos e anotações de campo. Os dados foram organizados por meio do software *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS).

Em seu conjunto, as pesquisas contaram com a realização de 17 entrevistas realizadas com 15 professoras e dois professores<sup>6</sup> de dois dos maiores municípios da área de abrangência da pesquisa, quais sejam, Santa Cruz do Sul e Candelária. A escolha dos

participantes foi aleatória e deu-se a partir das visitas às escolas e disponibilidade das docentes.

A idade das entrevistadas variou entre 25 e 60 anos, a grande maioria (9) possuindo mais de 40 anos. Quanto à formação, nove das 15 entrevistadas possuem curso de pedagogia e seis são formadas em licenciaturas de outras áreas do conhecimento. Todas concluíram ou estão cursando pelo menos uma pós-graduação e uma possui mestrado. A grande maioria trabalha ou na educação infantil ou no ensino fundamental, sendo que duas professoras trabalham em ambos os níveis de ensino. Três professoras trabalham em turmas multisseriadas.

Além das entrevistas, uma das pesquisas contou com a realização de um pequeno grupo de discussão, o qual teve quatro sessões de aproximadamente duas horas cada uma, onde participaram duas professoras e um professor de um dos municípios.

Todos os sujeitos concordaram em participar das pesquisas, formalizando este acordo por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Além disso, o estudo de tipo exclusivamente qualitativo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Santa Cruz do Sul, registrado no Certificado de Apresentação e Apreciação Ética (CAAE) sob o número 11028919.9.0000.5343.

## **RESULTADOS**

### **A PRODUÇÃO DE ARRANJOS NO FLUXO ENTRE TRABALHO DOCENTE E TRABALHO DOMÉSTICO**

Correspondendo ao que encontramos na literatura, as entrevistas revelaram que as professoras convivem com as dificuldades de organizar as cargas de trabalho docente, do trabalho doméstico e de cuidado, os quais se sobrepõem no espaço da casa. Assim, por exemplo, para dar conta da sobrecarga e ainda ter tempo para a família, quatro professoras relataram que esperam os companheiros e filhos irem dormir para então se dedicarem às atividades escolares. Destacam que fazem isso para terem momentos de convivência familiar e para evitarem conflitos. Estes arranjos são feitos, por vezes, após perceberem o prejuízo causado pelo trabalho escolar à convivência familiar, como expressam as falas de Amanda<sup>7</sup> e de Roberta<sup>8</sup>:

A gente não mantinha um diálogo e daí eu comecei a perceber que... não tava tendo uma vida, nem de família nem de casal nem nada. Aí eu comecei aos poucos... Peraí! Tá faltando alguma coisa! Então eu chego, a gente toma um chimarrão, a gente conversa como foi teu dia, como foi meu dia. Todo mundo ali: a Elenice [filha], 19h vai pro cursinho e aí a gente, antes disso, então, janta. E aí, ele [marido], como viaja geralmente de madrugada..., 21h, no máximo, ele vai pra cama. Aí, a partir das 21h é que eu vou e começo a fazer meu trabalho (Amanda, 2019).



[...] e daí a gente janta, e como ele [marido] se recolhe cedo... Aí depois eu vou, quando ele tá dormindo já... daí eu pego e vejo o que que eu vou trabalhar no dia seguinte (Roberta, 2019)<sup>9</sup>.

Amanda (2019), chama essa organização do trabalho de “[...] mecanismo para não adoecer” indicando que, paradoxalmente, não fazer esse esforço extra pode lhe trazer problemas de saúde. Roberta (2019) diz que aproveita para trabalhar nas tarefas da escola também nos momentos em que o marido está vendo jogo: “[...] aí eu sento aqui e faço as minhas coisas”.

Cláudia<sup>10</sup> (2019) fala de sua frustração por não conseguir, após ter o filho, dedicar o mesmo tempo que dedicava à preparação das aulas. Afirma ela (2019) que a necessidade de preparar muitos materiais, característica do seu trabalho com os anos iniciais do ensino fundamental, lhe demanda bastante tempo: “[...] e aí, com casamento e com filho, tu educando um filho, cada vez vai me sobrando menos tempo”. Conta (2019) que isso lhe causou muitas frustrações nos primeiros anos de crescimento do filho, pois, sobrecarregada, tinha que fazer as tarefas “[...] a toque de caixa”. Não tendo tempo suficiente para dar conta dos afazeres da casa, dedicava o pouco tempo disponível para o cuidado do filho. Realizava a preparação das aulas à noite, em casa, e, após o filho ir dormir, trabalhava de madrugada, melhorando o planejamento e os materiais. Somaram-se a isso as cobranças do marido, que lhe dizia: “[...] ah, tu só pensa em ti, só pensa na tua profissão, e cadê o espaço pra mim?” (Cláudia, 2019).

Uma iniciativa bastante comum entre as professoras entrevistadas é tentar redistribuir as tarefas domésticas. No entanto, esse arranjo parece sempre ter alguns limites, esbarrando em duas dificuldades principais. Primeiro, na resistência dos companheiros em assumir plenamente as tarefas. Conforme Itaboraí (2016, p. 117), “[...] muito do trabalho doméstico masculino assume a tradicional forma de ‘ajuda’, o que mantém a ideia de que é uma responsabilidade principal das mulheres e periférica para os homens”. Para Marcondes (2013), ainda é residual, pontual e minoritário o tempo que os homens dedicam ao cuidado.

No caso de Cláudia (2019), a sobrecarga trouxe a necessidade de reorganização do trabalho doméstico. Consciente de que a escolha pelo magistério e pela família tinha “um preço”, ela passou a solicitar ao marido que ajudasse mais nas tarefas da casa, especialmente num período em que, por questões financeiras, tiveram que dispensar a empregada. Diz (2019) que o próprio companheiro foi percebendo que ela não dava conta de tudo, “[...] de roupa, casa, filho, profissão, e que ficava muita coisa a desejar”. Concluindo ambos, Cláudia e o companheiro, que a distribuição de responsabilidades era injusta, este último passou a realizar algumas tarefas, como cuidar da louça e da comida, assim como dedicar mais tempo às necessidades dos filhos na casa. Cláudia (2019) ressalta, porém, que tudo foi conseguido “[...] no sufoco” e que foi um período difícil para o casamento. Os conflitos eram permanentes e a culpa e frustração inevitáveis: “[...] ora eu via que eu estava falhando como mãe e ora falhando como... parece que assim, ó: sempre muito culpada. Culpada por não estar fazendo o melhor que eu já tinha feito” (Cláudia, 2019). Segundo ela (2019), as coisas

na casa só foram mudando à custa de muita insistência: “[...] muito, assim, de exaustivamente dizer: ‘eu não tô conseguindo dar conta disso e vocês têm que me ajudar mais’”.

A grande dificuldade de ajustar as diferentes jornadas de trabalho das professoras fica bem expressa na fala de Amanda (2019): “[...] e aí eu tô em paz com meus alunos e em guerra com a minha família... daí quando eu tô em paz com a minha família, eu tô em guerra com os meus alunos”.

Juntam-se aos conflitos na família as situações de esgotamento físico e/ou psíquico, que acabam, por vezes, levando à busca de ajuda médica e de medicamentos para alívio do estresse. É o caso de Silvia (2019)<sup>11</sup>, que conta que “levava” esse estresse para dentro de casa: “[...] não tinha mais paciência para nada, com ninguém, com a minha filha, com meu marido... qualquer coisa para mim era uma fâsca”. E também de Cláudia (2019), que afirma que, diante do esgotamento, respondia às coisas de forma muito “[...] raivosa... para grupo, para filho, para marido e tantas outras pessoas... Eu senti, assim, que estava à beira de um colapso”.

A segunda dificuldade na redistribuição das tarefas é das próprias professoras delegarem aos familiares responsabilidades que entendem ser exclusividade sua, especialmente a gestão do trabalho doméstico, como manifesta a fala de Renata (2019)<sup>12</sup>: “[...] eu peço pra ele fazer alguma coisa, mas eu tô olhando pra ver se ele vai fazer direito”. Essa questão é comentada também por Tânia (2019)<sup>13</sup>, que diz: “[...] parece que eu tenho que fazer isso, sabe!? É uma coisa minha”, e por Renata (2019): “[...] é, eu tenho essa mania de querer pegar a responsabilidade toda pra mim”.

É importante ressaltar, no entanto, que esse conflito na produção de novos arranjos no trabalho doméstico tem relação com o desenvolvimento histórico da divisão sexual do trabalho. Portanto, têm que ser analisado nesse contexto. Federici (2019) afirma que a necessidade de ao menos 20 anos de socialização e treinamento para as mulheres assumirem o trabalho doméstico expressa o fato de que ser dona de casa é algo pouco natural. Nesse processo formativo, um trabalho que é realizado em regime de sobrecarga tornou-se ao mesmo tempo condição de realização pessoal. Como afirma Solís (2009, p. 20), “[...] proporcionar cuidados aos outros é um elemento central da identidade feminina. As mulheres cuidam, tem se dito muitas vezes, inclusive à custa de si mesmas, de sua própria saúde e bem estar”. Exemplo dessa condição é a fala de Roberta (2019):

Olha, tem dias que eu fico pra baixo... aí tem dias, assim, que eu já fico mais ativa... aí tem dias que eu chego em casa, largo tudo, aí eu pego... que esses dias de noite ele [marido] até disse assim: “que tu vai fazer?” ...foi acho que sexta passada, daí eu disse: “não, eu vou colocar roupa de cama limpa e vou arrumar o quarto”. Aquilo me deu uma coisa tão boa que eu desliguei de tudo e cuidei da casa, da energia da casa, limpei e fui dormir realizada, porque a minha casa tava limpa e organizada.

Isso explica, ao menos em parte, a dificuldade das professoras redistribuírem as tarefas domésticas. No campo profissional, conforme Garcia e Anadon (2009, p. 69), o sentimento de “[...] profissionalismo das professoras e de suas autoimagens calcadas no cuidado e no zelo” acaba sendo objeto de exploração da alta gestão dos sistemas de ensino, que o utilizam para sustentar a sobrecarga e intensificação.

As entrevistas dão pistas para pensar as formas como se entrelaçam a necessidade de cuidar constituente das mulheres e a relação entre os gêneros na divisão sexual do trabalho. Silvia<sup>14</sup>, por exemplo, conta que em sua casa o companheiro cuida da parte da alimentação e que ela fica com a organização e a limpeza:

Eu me cobro muito com esse tipo de coisa. Se eu não faço, parece que não tá bem feito, entendeu? Então eu preferia fazer. Tanto que assim ó, eu chegava, trabalhava a semana toda, eu me organizava... Então, quintas-feiras eu chegava em casa, era umas seis e meia, daí eu ia limpar a casa. Às vezes eu ia até meia-noite e pouco, uma hora da manhã, pra deixar tudo pronto (Silvia, 2019).

As entrevistas, como vimos, confirmam que a participação dos companheiros nas atividades domésticas é uma relação de ajuda e não de divisão igualitária das tarefas. Quando as participantes da pesquisa afirmam que os companheiros passaram a realizar parte do trabalho, elas se referem a tarefas pontuais, como lavar a louça ou colocar as crianças no banho. É o que significa quando Renata (2019), diz que o marido é “[...] bem parceiro”, pois na prática essa parceria não implica ter a mesma disponibilidade da companheira e muito menos compartilhar a gestão da casa. Como afirma ela (2019) “É, às vezes acho que o mais difícil para a mulher é ter que tá falando. Faz isso, faz aquilo. Então eu vou lá e faço. E o que eu peço para ele fazer, que ele vai fazer, eu fico olhando. Então a gente acaba assumindo”.

Diante da impossibilidade de os arranjos darem conta da sobrecarga das tarefas, algumas professoras revelam diminuir ou abandonar a dedicação a atividades de lazer, de saúde ou de participação política. Tânia (2019) conta que quando assumiu o trabalho em duas escolas precisou reorganizar sua vida pessoal, tendo que deixar de fazer certas atividades. Ela (2019) diz que chega em casa cansada e ainda precisa se dedicar aos cuidados dos netos, para ajudar a filha recém separada do companheiro. Comenta (2019) que sempre gostou de estar presente “[...] como mãe”. Assim, teve que começar a ajudar, tendo que deixar certas tarefas da sua casa de lado, e que precisou parar de caminhar: “[...] que nem ontem, a gente [ela e o marido] caminhou. Daí... ‘vamos caminhar todo o dia’! Não tem como. Como é que eu vou chegar em casa e dar conta das minhas coisas?” (Tânia, 2019).

A fala de Tânia (2019) expressa bem a repercussão no espaço doméstico das mudanças que ocorrem no trabalho escolar. Como monitora, ela tinha uma carga horária de trabalho de 30h. Ao assumir como professora, passou a ter dois turnos de 20h. Assim, para poder atender os dois turnos, teve que fazer mudanças no trabalho doméstico. Para isso, afirma que conta com a ajuda do marido, que é aposentado. Mas diz que “[...] muita coisa

tinha que deixar de lado” na casa, diminuindo, por exemplo, o tempo dedicado à limpeza (Tânia, 2019). Já Luísa (2019)<sup>15</sup>, que é solteira e cuida do filho e da mãe, conta que foi muito militante, mas que teve que abandonar as atividades sindicais, pois “[...] tenho dois que dependem de mim”, comentando que deixar de se dedicar a essas atividades não foi fácil para ela.

## **O ENVELHECIMENTO E OS ARRANJOS PRODUZIDOS PELAS PROFESSORAS**

Existem poucos estudos no campo da educação que discutam o envelhecimento no trabalho docente na Educação Básica e seus feitos nas vidas das professoras, e ainda menos estudos que discutam o tema sob o prisma de gênero<sup>16</sup>. Seguindo a perspectiva apresentada por Silva (2017), entendemos o envelhecimento como um processo que ocorre ao longo da vida e que se inicia no momento em que nascemos, sendo totalmente arbitrário estabelecer uma idade para definir o momento em que o envelhecimento começa. Para a mesma autora (Silva, 2017, p. 4), “[...] se pretendermos compreender um adulto mais envelhecido, teremos que ter em conta o seu percurso de vida até ao momento em que o observamos, o que remete para uma multiplicidade de variáveis biológicas, psicológicas, sociais, contextuais”.

Iniciamos a discussão abordando a questão da penosidade no trabalho das professoras na Educação Básica. Conforme Sato (1996, p. 492), “[...] a penosidade reside em condições de trabalho que causam sofrimento, incômodo e demandam esforço. Já para o conhecimento dos trabalhadores, a penosidade refere-se a contextos de trabalho que demandam esforço, geram incômodo e sofrimento demasiados”. Fortino (2012, *apud* Oliveira, Garcia, 2016) relaciona as novas formas de penosidade à intensificação do trabalho, à precarização, excesso de jornada, isolamento profissional, más condições de trabalho e mudanças organizacionais constantes.

Nessa perspectiva, o envelhecimento inicia muito cedo no trabalho docente, dada a sobrecarga, a intensidade e as precárias condições em que laboram as professoras desde sua juventude, que fazem com que os problemas causados por esse esforço continuado surjam já nos primeiros anos de profissão. Acrescenta-se a isto o trabalho doméstico, que, como vimos afirmando, torna a jornada total de trabalho demasiadamente extensa.

Nos dados quantitativos da pesquisa, chama a atenção o baixo número de professoras jovens na força de trabalho docente da região dos municípios do estudo. Apenas 3,4% das docentes encontra-se na faixa etária até 25 anos, somando 25% se considerarmos a faixa até 35 anos, enquanto, por outro lado, 75% tem idade superior a 35 anos. A maior concentração é na faixa dos 36 a 45 anos, com 38,5%, seguida da faixa de 46 a 55 anos (28,9%). Entre as 12 docentes entrevistadas, nove possuem 40 anos ou mais, sendo que cinco dessas possuem 50 anos ou mais. A maioria possui carga de 40 horas semanais, mas algumas de mais idade já fizeram redução para 20h.

Como tem ocorrido também com as demais categorias de trabalhadores, se constata atualmente um aumento do tempo de permanência das professoras na ativa. Segundo dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese, 2014), o percentual de docentes na faixa de 36 a 40 horas semanais, que era de 34,9% em 2002, passou a ser de 46,1% em 2013. Carvalho (2018) e Souza (2013) apontam para a tendência de aumento desse envelhecimento. A conclusão desse último autor (Souza, 2013, p. 70) é que “[...] os docentes são uma população envelhecida, com uma entrada de jovens na profissão docente em menor proporção ao crescimento da oferta de postos de trabalho [...]”.

Em nossas visitas às escolas, chamou-nos atenção o aspecto envelhecido de muitas professoras, o que revela traços característicos de uma intensa e precária jornada de trabalho ao longo de muitos anos. Gomes (2016) comenta sobre os reflexos do passar do tempo no corpo do sujeito, repercutindo sobre seu rosto, seus tecidos, enfraquecendo os músculos e minimizando sua disposição. Para o autor, a longo prazo isso vai exigindo que as docentes, para atenuar o esforço despendido, produzam ajustes em suas atividades de trabalho, contando, entre outros, com os saberes acumulados na experiência (Gomes, 2016). Esse processo se inicia já nos primeiros anos de profissão, visto que a carga de trabalho é acentuada entre as professoras jovens, que, por necessidades econômicas, precisam assumir muitas horas de atividade em várias escolas, as quais se somam às horas de dedicação à família que começam a formar.

Entre as entrevistadas, constatamos que nenhuma das faixas etárias escapa do sofrimento decorrente da sobrecarga de trabalho, mas as condições específicas desse sofrimento são distintas, conforme a faixa etária. No caso das mais jovens, elas, por terem menor experiência, gastam mais tempo em planejamento e preparação de materiais. Além disso, no início de seu exercício profissional costumam ser designadas para trabalhar em lugares que possuem condições precárias, em escolas distantes de suas moradias ou umas das outras, ou ainda em escolas multisseriadas. Um dado da pesquisa que provavelmente evidencia esta prática é o percentual das docentes que gastam mais de cinco horas semanais em atividades extra classe, que é de 81,4% entre as que possuem de 22 a 34 anos e de 52,9% entre os que possuem mais de 55 anos.

Os dados quantitativos revelam os efeitos da sobrecarga na jornada diária de trabalho das mulheres, comparativamente aos homens. No que diz respeito à saúde, a média da frequência com que experimentam os sintomas oriundos do trabalho, numa escala de 0 a 6, é relativamente alta e, em todos os casos, é maior do que a frequência em que experimentam os homens. As diferenças mais significativas são no que se refere à insônia (2,75 entre as mulheres e 1,96 entre os homens), desgaste emocional (3,89 entre as mulheres e 3,19 entre os homens) e problemas na voz (2,74 entre as mulheres e 1,81 entre os homens). Também o uso de medicação para problemas de saúde relacionados ao trabalho é maior entre as mulheres (43,4%) do que entre os homens (33,3%). Essa maior frequência com que as mulheres professoras experimentam problemas de saúde relacionados ao trabalho comparativamente aos homens é, no nosso entender, uma expressão da desigualdade de



gênero, resultado das características do trabalho feminino de dedicação à atividade profissional e doméstica e ao consequente esforço despendido no envolvimento cognitivo, emocional e afetivo, num contexto de sobrecarga de trabalho.

Desse modo, não surpreende que o percentual de professoras mulheres que afirma trabalhar muitas vezes, frequentemente ou sempre estando doente (58,6%) seja maior do que o dos professores homens (40,7%). Este resultado está em consonância com as conclusões de Araújo, Pinho e Masson (2019), que afirmam haver sólidas evidências de maior adoecimento originários do trabalho das mulheres do que do trabalho dos homens.

Outro dado revelador da intensidade e sobrecarga de trabalho das jovens professoras é que a média das que dizem sentir cansaço pela manhã ao enfrentar mais um dia de trabalho (escala de 0 a 6) é de 3,5 entre as que possuem 22 a 34 anos e de 2,2 entre as que possuem 55 a 65 anos. É provável que sintam o impacto também do fato de boa parte delas ainda estar estudando, muitas em cursos que visam aperfeiçoamento, atualmente quase obrigatórios para manter o valor de sua força de trabalho. Entre as que possuem 22 a 34 anos, 58,1% estudam, percentual que é de apenas 11,1% entre as que possuem mais de 55 anos.

Conforme Tardif e Raymond (2000, p. 226), o início de carreira é considerado uma fase crítica, quando as professoras vivenciam o chamado “[...] choque de realidade” decorrente do “[...] confronto inicial com a dura e complexa realidade do exercício da profissão [...]”, como bem expressa a professora Viviane (2019)<sup>17</sup>: “[...] foi bem chocante. Não era nada daquilo que eu tinha aprendido. Nada”. Além de serem designadas para trabalhar em lugares com condições mais difíceis, geralmente não contam com maior preparação e apoio para enfrentar a dura e desconhecida realidade. Nas entrevistas, tanto as jovens professoras como as mais experientes afirmaram que no início da sua trajetória profissional contaram apenas com a ajuda de pessoas chave, como amigas ou alguma colega de trabalho. Em geral, afirmam que se sentiram muito sozinhas, sem apoio da gestão. Segundo Cunha (2010), essa é uma situação comum aos professores na realidade brasileira e em outros países, o que demonstra a pouca importância dada ao acolhimento para que as iniciantes permaneçam motivadas e com saúde na profissão.

Isoladas, as jovens professoras precisam enfrentar quase sozinhas as inúmeras variabilidades e exigências do trabalho, o que lhes demanda enorme esforço. Rossana (2019)<sup>18</sup>, que trabalha numa turma multisseriada, comenta que “[...] a gente cai de paraquedas lá dentro da escola”. Ela (2019) diz que está

[...] se escabelando, porque trabalhar o dia todo e tu ter seis turmas diferentes, bem dizer... Porque de manhã [na turma multisseriada] é o primeiro ao quinto, e aí de tarde eu tenho mais o segundo ano. Então eu tenho que ter seis planejamentos diferentes. E eu acho isso bem complicado, tu ter que trabalhar 40h.

Não bastasse a pressão das exigências originadas de tal complexidade, as docentes de classes multisseriadas ainda precisam assumir todas as atividades que envolvem as tarefas da escola, para as quais se encontram absolutamente sozinhas:

Eu que tenho que fazer a papelada da escola... eu tenho que fazer atestado de frequência. Se chega um pai, uma mãe, eu tenho que ir lá fazer pra eles. Aí eu tenho que mandar ofício para o transporte... Aí eu tenho que sair da sala, ir lá fazer o ofício pra mandar, e aí uma vez por semana eu não tenho ninguém pra fazer merenda pra mim. Eu tenho que ir lá fazer. Então essa parte é bem difícil (Rossana, 2019).

Rossana (2019) é mãe solteira e trabalha em duas escolas que ficam, ambas, quarenta minutos de distância de sua casa, gastando mais de três horas por dia em deslocamentos. Por ser contratada, não possui hora-atividade. Apesar da distância, afirma que o mais difícil de tudo é o planejamento. Além da jornada de trabalho nos dias da semana, Rossana diz que frequentemente tem que trabalhar nos sábados de manhã e às vezes também nos domingos, em festas na escola. Afirma ela (2019) que está “[...] se adaptando” e buscando alternativas para realizar planejamento de forma a poupar esforço: “[...] porque senão eu vou me esgotar”.

Vera (2019)<sup>19</sup> também relata que no início de sua carreira enfrentava mais dificuldade para dar conta das atividades: “[...] era muita coisa. Eu sabia que eu tinha que dar conta da pós, eu sabia que eu tinha que dar conta do trabalho, eu sabia que eu tinha que dar conta da minha família, da casa, era muita coisa. Daí não tem, não há corpo que aguento”. A docente afirma que agora, com mais experiência, sente-se melhor preparada para enfrentar tudo.

Viviane (2019), mais experiente, lembra de seus primeiros anos de trabalho, quando assumiu uma turma multisseriada numa escola bem distante de sua residência: “[...] porque quando a gente é nova, mandam a gente lá pra longe [...]”. Ela (2019) comenta que a escola “[...] estava caindo aos pedaços” e que “[...] não tinha água encanada, não tinha banheiro, não tinha nada”. Acrescenta ainda que, embora tivesse carga horária de 20h, trabalhava 40h, em função do deslocamento (Viviane, 2019). Mariana (2019) também trabalha numa turma multisseriada. Afirma que, apesar de não ser uma turma muito grande, é muito dispêndio de energia e sente que não consegue fazer bem as coisas.

Cau-Bareille (2014, p. 74), com apoio em dados de sua pesquisa, constata

[...] um efeito de desgaste prematuro nas mulheres professoras ligado quer às condições de trabalho (...), à difusão do trabalho fora do trabalho numa profissão onde a porosidade entre as esferas da vida é importante, a um trabalho de articulação das esferas de vida que parece bastante complicado [...].

Para a autora, à medida que as professoras se tornam mais velhas, aumenta o custo humano do trabalho, isso apesar da experiência acumulada ao longo da carreira, pois, conforme a idade avança, há um aumento dos problemas de saúde, da fadiga relacionada ao

trabalho e são maiores as necessidades de recuperação, assim como uma sensação de diminuição da eficácia profissional. Para Gomes (2016), há perdas de capitais no processo de envelhecer, principalmente em relação ao que se refere ao corpo, cujo sujeito sente os efeitos do tempo sobre si. Por um lado, as docentes com maior tempo de profissão, por possuem maior experiência e conhecimento, conseguem lidar melhor com certas exigências do trabalho, como o planejamento e situações de interação com alunos e colegas. Mas, por outro, estão mais suscetíveis a perdas relacionadas às limitações do corpo e ao adoecimento, agravados pelo trabalho.

As professoras são ao menos em parte conscientes dos efeitos deletérios das condições de trabalho em sua saúde. Como afirma Rosângela (2019)<sup>20</sup>, “[...] é que eu acho que com o passar do tempo... a gente vai perdendo um pouco da paciência e de saúde”. Dores no corpo são muito comuns, como o exemplo do depoimento a seguir.

Quando tu é mais novo, eu sempre digo, parece que não te dói, sei lá, não sente tanto. E agora... tenho que me alongar, estou pensando em fazer um pilates. Mas eu tenho tido, eu notei que nos últimos anos... sinto as pernas às vezes... O próprio brincar, ainda consigo, [tenho] que estar feliz com isso. Mas claro que te desgasta, te cansa (Tânia, 2019).

As docentes passam então a produzir novos arranjos na organização de sua jornada de trabalho, tanto no trabalho docente como no trabalho doméstico, de forma que consigam suportar as exigências. As necessidades de reorganização iniciam muito cedo em determinados grupos de docentes. É o caso das que trabalham na educação infantil, que fazem acentuado esforço físico no cuidado com as crianças pequenas. Sílvia (2019), por exemplo, aos seus 38 anos já sente com frequência as dores do esforço físico despendido, especialmente o de sentar no chão com as crianças. Para se manter trabalhando com qualidade e saúde, planeja realizar cursos que permitam que atue na gestão, pois sabe que logo as dores irão aumentar, o que tornará seu trabalho com as crianças muito sofrido (Sílvia, 2019).

As professoras da educação infantil desde muito jovens sabem desse efeito da sobrecarga por observarem as colegas mais velhas, especialmente as monitoras, cujo trabalho exige ainda mais esforço físico. Foi comum ouvirmos as professoras dizerem que muitas das monitoras com quem trabalham não têm mais condições de realizar atividades em que precisam se agachar: “Elas caminham meio curvadinhas, sabe!? Tudo sempre reclamando das costas” (Maria<sup>21</sup>, 2019). Com apenas 25 anos, Maria já sente os efeitos do esforço realizado no trabalho:

Eu tenho bastante dor nas costas. Mas eu acho que é mais pelos meus cinco anos lá na outra escola. Eu pegava bastante criança. Eu sempre trabalhei com pequeninhos de um ano, dois anos. Daí esse esforço físico de pegar a criança, de colocar ela na cadeirinha, ou trocar, pegar ela e botar no trocar. Quando eu tava com muita dor, eu trocava eles mais no chão, porque

me doía, sabe, as minhas costas. Até que agora não tá tanto, mas tinha época que doía muito (Maria, 2019).

Da mesma forma que percebem os efeitos no corpo das monitoras, as professoras aprendem com elas as estratégias que podem utilizar para enfrentar esses problemas. Assim, a mesma professora afirma que começa a ter que utilizar o recurso utilizado pelas monitoras para enfrentar as dores, ou seja, tem que procurar sentar de tempos em tempos: “[...] quando a gente tá brincando, daí eu sento com eles... tem sempre alguém que quer um colo. Daí eu aproveito, quando eles pegam um livro, eu pego eles no colo” (Maria, 2019). Ela comenta que as monitoras dizem: “Ah, faz assim que é melhor, não te dói tanto as costas”. Já Paula (2019)<sup>22</sup>, em situações em que sente dores, conta que diz para as crianças: “[...] ‘ah, hoje a professora tá com dor no joelho. A profe não vai sentar no chão’, porque esse movimento afeta bastante, né!?”

Outra professora, Renata (2019) diz que se sente frustrada por ter dias que não consegue sentar na roda com as crianças. Embora tivesse observado ao longo do tempo que as monitoras tinham essa dificuldade, ela parece ter demorado a dar-se conta das razões, afirmando que hoje há dias em que não consegue sentar no chão: “[...] daqui a pouco eu não vou mais estar conseguindo sentar na rodinha e isso me preocupa muito” (Renata, 2019). Essa preocupação, segundo ela (2019), decorre da constatação de que isso lhe trará dificuldades para realizar atividades que “[...] precisa fazer com as crianças. A gente precisa tá lá no pátio, precisa tá brincando, não tem como não fazer” (2019). E Tânia (2019), ao falar das dores que sente nas pernas, comenta: “[...] a educação infantil... eu sou muito de sentar no chão... nem cadeira... eu tenho que tá no chão com eles”.

É importante destacar o quão frustrante pode ser para as professoras não poder realizar plenamente seu trabalho: “[...] então vai chegar a hora que eu também não vou mais conseguir ser a profe Renata que começou com eles. Então isso me preocupa, sabe, essa qualidade do ensino que eu tô dando pra eles” (Renata, 2019). Tais percepções geram sentimentos de limitação e desconforto às professoras, que compreendem que conforme sua idade aumenta, maiores são as dificuldades para desempenhar suas tarefas (Gomes, 2016).

Na esfera doméstica, evidentemente, também são produzidos arranjos provocados pelo envelhecimento, trazendo novamente as questões relacionadas a gênero. Para Cau-Bareille (2014, p. 64), estando “[...] envolvidas de forma muito diferente na esfera familiar, o custo da atividade de articulação das esferas de vida é mais importante para as mulheres que para os homens”. A autora constatou em suas pesquisas que as professoras com idades perto da aposentadoria, para conseguirem dar conta das atividades e se pouparem da sobrecarga, podendo assim dedicar-se ao cuidado de si e dos outros por quem são responsáveis, buscam realizar alterações na carga horária de trabalho e na distribuição das responsabilidades familiares. Em nossa pesquisa, encontramos Letícia (2019)<sup>23</sup>, que afirma:

[...] a partir do momento que eu fiquei só com aquelas 20 horas, eu me acalmei, né... eu voltei a cuidar do pátio, eu voltei a cuidar das minhas

flores que eu não abro mão, voltei a fazer academia (...). Voltei a ler bastante, que eu adoro, e aí refletiu diretamente na escola, assim, no meu trabalho com as crianças.

Cláudia (2019), afirma que com a passagem dos anos na profissão foi percebendo que precisava de mais tempo para si, buscando estabelecer alguns limites entre trabalho e vida pessoal. Em nossa conversa com a docente, nos pareceu que muito de sua atual perspectiva positiva com relação ao trabalho se deve, ao menos em parte, ao fato de saber que está prestes a se aposentar de uma matrícula<sup>24</sup>, o que reduzirá sua carga horária pela metade, gerando-se assim a expectativa de que em breve poderá não se sentir tão cansada.

Outra questão importante que, a longo prazo, causa problemas à saúde e que vai exigindo medidas de cuidado é o desgaste da voz e da própria audição, problemas mencionados por várias professoras em nosso estudo. Em sua pesquisa, Gomes (2016) menciona uma professora que, buscando poupar-se, afirma não falar mais tão alto como costumava fazer, acrescentando que presenciou o afastamento de muitos colegas por problemas nas cordas vocais. Além disso, os ruídos ocupacionais são bastante presentes no espaço escolar e geram cansaço e desgaste mental, o que leva as docentes a se tornarem mais intolerantes a determinados sons (Cau-Bareille, 2014). Roberta (2019) menciona que uma de suas estratégias para enfrentar o problema é deixar os alunos escutarem música nos seus fones de ouvido enquanto copiam ou fazem os exercícios, “[...] desde que fiquem quietos”. Assim como Mariana (2019), ela referiu que os alunos são “[...] muito barulhentos” e que às vezes ela “[...] só quer silêncio”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nossa principal intenção nesse estudo foi colaborar com uma discussão, ainda incipiente, sobre as articulações entre trabalho docente, trabalho doméstico e de cuidado, abordando os arranjos construídos pelas mulheres professoras para organizarem seu trabalho no fluxo permanente entre essas esferas da vida, frente às pressões da sobrecarga e da intensidade do trabalho.

Queremos ressaltar o aspecto interdisciplinar desse tipo de estudo, especialmente para sublinhar o fato de que esse é um tema de muito interesse também da educação e da pedagogia. Para citar apenas um exemplo, quando as professoras não conseguem mais se sentar na rodinha com as crianças, muita coisa se altera nas práticas educativas. E assim ocorre com muitos outros problemas decorrentes da sobrecarga e intensidade do trabalho das mulheres, os quais não podemos ignorar quando se pensa a prática social das professoras na educação básica.

Ainda no campo da educação, outro tema que, embora tenha aparecido nos dados da pesquisa, não foi possível trazer nesse artigo, são os saberes da experiência. Notamos que os arranjos produzidos pelas professoras se relacionam com o tempo de experiência no trabalho,



visto que vão aprendendo a enfrentar melhor as variáveis e cambiantes situações que se apresentam na esfera profissional e doméstica.

Aliado a essa questão, é importante ressaltar que, se por um lado, o envelhecimento proporciona maior conhecimento para lidar com as dificuldades do trabalho, por outro traz consigo maiores limitações nas capacidades físicas e psíquicas. Nesse sentido, parece-nos claro que os dados quantitativos desse estudo que indicam maior sobrecarga no trabalho das professoras jovens em relação às docentes mais experientes revelam apenas uma face da questão, sendo necessário analisar os constrangimentos específicos relativos às condições do envelhecimento em docentes com maior tempo de carreira.

A partir disso, devemos mencionar também que os arranjos empreendidos para ajustar o esforço despendido nas diferentes jornadas das mulheres professoras evidentemente sofrem modificações ao longo de suas vidas, com as mudanças que vão ocorrendo tanto na esfera profissional como doméstica. Portanto, muitas especificidades precisam ser levadas em conta.

Uma limitação desse artigo é a pouca discussão, na parte sobre o envelhecimento, referente às mudanças provocadas no trabalho na esfera doméstica, trazida apenas de passagem. Entendemos essa limitação no contexto do desafio de pensar de forma integrada as jornadas de trabalho das professoras, algo que sem dúvida é necessário amadurecer.

Por fim, retomando a questão da cisão ideológica mencionada por Boris (2014), é importante lembrar que a ideologia corresponde a uma prática social. Com isso queremos dizer que essa “cisão” reflete uma prática social onde trabalho doméstico e de cuidado e trabalho remunerado apresentam-se espaço-temporalmente separados. Assim, romper com a cisão ideológica prescinde da ruptura objetiva das relações sociais que mantêm a divisão sexual do trabalho e as desigualdades de gênero.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, T. M.; PINHO, P. S.; MASSON, M. L. V. Trabalho e saúde de professoras e professores no Brasil: reflexões sobre trajetórias das investigações, avanços e desafios.

**Cadernos de Saúde Pública**, v. 35, n. suppl. 1, p. 1-14, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/BYh8RV9xyw6N6kdJSqqHkLg/?lang=pt#>. Acesso em: 13 mar. 2022.

BERNARDO, J. **Economia dos conflitos sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

BERNARDO, J. O proletariado como produtor e como produto. **Revista de Economia Política**, v. 5, n. 3, p. 83-99, 1985. Disponível em: <http://www.rep.org.br/PDF/19-5.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2020.

BORIS, E. Produção e reprodução, casa e trabalho. **Tempo Social**, v. 26, n. 1, p. 101-121, 2014. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ts/a/wWWkfy3NCCpzHKXXnQ6tLmw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 ago. 2020.

BREUNIG, Y. **Saberes docentes e estratégias de mediação do sofrimento relacionado ao trabalho**: um estudo com professores da rede pública de educação básica. 2020. 158f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2020.

BRITES, J. G. Trabalho doméstico: questões, leituras e políticas. **Cadernos de Pesquisa**, v. 43 n. 149 p. 422-451, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/PFk9XcQfLkjks9TKBny8sb/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 maio 2019.

BRUNO, L. Educação e desenvolvimento econômico no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 48, p. 545-562, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/BbvHJPJGSYw9TCWrYS7mfmb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 ago. 2017.

CARRASCO, C.; BORDERÍAS, C.; TORNS, T. (org.). El trabajo de cuidados: antecedentes históricos y debates actuales. In: CARRASCO, C.; BORDERÍAS, C.; TORNS, T. (org.). **El trabajo de cuidados**: historia, teoría y políticas. Madrid: La Catarata, 2011. p. 13-96.

CARVALHO, M. R. V. Perfil do professor da educação básica. **Cadernos de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais**. Brasília, v. 1, 2018. Disponível em: <http://relatos.inep.gov.br/ojs3/index.php/relatos/article/view/4083>. Acesso em: 21 abr. 2019.

CAU-BAREILLE, D. Estratégias de trabalho e dificuldades dos professores em fim de carreira: elementos para uma abordagem sob o prisma do gênero. **Laboreal**, v. 10, n. 1, p. 59-78, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/lab/v10n1/v10n1a06.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2019.

CONTATORE, O. A.; MALFITANO, A. P. S.; BARROS, N. F. Por uma sociologia do cuidado: reflexões para além do campo da saúde. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 17, n. 1, p. 1-23, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tes/v17n1/0102-6909-tes-17-1-e0017507.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2020.

CUNHA, M. I. Lugares de formação: tensões entre a academia e o trabalho docente. In: DALBEN, Â. I. L. de F. *et al.* (org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 129-149.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS (DIEESE). Transformações recentes no perfil do docente das escolas estaduais e municipais de educação básica: uma análise a partir dos dados da Pnad. **Nota técnica**. São Paulo, n. 141, out. 2014. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/notatecnica/2014/notaTec141DocentesPnadvf.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2020.

DUARTE, F. S.; MENDES, A. M. B. Psicodinâmica do trabalho do coletivo de profissionais de educação de escola pública. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 20, n. 2, p. 323-332, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712015200212>. Acesso em: 02 dez. 2019.

FEDERICI, S. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Coletivo Sycorax, 2019.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FERREIRA, O. G. L. *et al.* Envelhecimento ativo e sua relação com a independência funcional. **Texto & Contexto – Enfermagem**, v. 21, n. 3, p. 513-518, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/fMTQ8Hnb98YncD6cC7TTg9d/?lang=pt>. Acesso em: 12 jul. 2018.

GARCIA, M. M. A.; ANADON, S. B. Reforma educacional, intensificação e autointensificação do trabalho docente. **Educação & Sociedade**, v. 30, n. 106, p. 63-85, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/F4ngy7gs3qcGKcSrJh5CB5s/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 ago. 2019.

GOMES, M. C. **Tempo de carreira, envelhecimento e prática laboral do professor de educação física em escolas públicas da cidade do Rio de Janeiro**. 2016. 57f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Rio De Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

ITABORAÍ, N. R. Temporalidades plurais: desigualdades de gênero e classe nos usos do tempo das famílias brasileiras. *In*: FONTOURA, N.; ARAÚJO, C.; BARAJAS, M. P. L. *et al.* (org.). **Uso do tempo e gênero**. Rio de Janeiro: UERJ, 2016. p. 101-138.

KERGOAT, D. A relação social de sexo: da reprodução das relações sociais à sua subversão. **Pro-Posições**, v. 13, n. 1, p. 47-59, 2002. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/2125/37-dossie-kergoatd.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2019.

KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. *In*: HIRATA, H. *et al.* (org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Unesp, 2009. p. 67-75.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. *In*: DEL PRIORI, M. (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997. p. 443-481.

MARCONDES, M. M. O cuidado na perspectiva da divisão sexual do trabalho: contribuições para os estudos sobre a feminização do mundo do trabalho. *In*: MARCONDES, M. M.; YANNOULAS, S. C. (coord.). **Trabalhadoras**: análise da feminização das profissões e ocupações. Brasília: Editorial Abaré, 2013. p. 251-280.

MARX, K. O conceito de mais-valor relativo. *In*: MARX, K. **O capital**. Crítica da economia política. Livro I. O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 268-275.

MIRANDA, A.; ARANCIBIA, M. Repensar el vínculo entre la educación y el mundo del trabajo desde la perspectiva de género: reflexiones a partir de un estudio longitudinal en el Gran Buenos Aires. **Education Policy Analysis Archives**, v. 25, n. 74, p. 1-18, 2017. Disponível em: <https://epaa.asu.edu/ojs/index.php/epaa/article/view/2907/1937>. Acesso em: 08 out. 2020.

MOLINIER, P. Au-delà de la féminité et du maternel, le travail du care. **Champ psychosomatique**, v. 58, n. 2, p. 161-174, 2010. Disponível em: [https://www.cairn.info/load\\_pdf.php?download=1&ID\\_ARTICLE=CPSY\\_058\\_0161](https://www.cairn.info/load_pdf.php?download=1&ID_ARTICLE=CPSY_058_0161). Acesso em: 12 jun. 2017.

NEVES, M. Y. R.; BRITO, J. C.; MUNIZ, H. P. A saúde das professoras, os contornos de gênero e o trabalho no Ensino Fundamental. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 35, supl. 1, p. 1-4, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/hG7mMsK9BtdgCwpw8bzPtNp/?lang=pt>. Acesso em: 06 out. 2020.

NUNES, M. O. O horror institucional: a gestão das relações de trabalho nas organizações de ensino. Escolas e universidades, um paradoxo na sociedade do conhecimento. **Reflexão e Ação**, v. 19, n. 1, p. 232-250, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.17058/rea.v19i1.2052>. Acesso em: 15 maio 2017.

OLIVEIRA, V. G. A.; GARCIA, E. O trabalho penoso sob a ótica do judiciário trabalhista de São Paulo. **Saúde e Sociedade**, v. 25, n. 4, p. 1064-1074, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902016157993>. Acesso em: 06 maio 2022.

RODRIGUES, C. F. **Por uma percepção multiangular**: a inserção da discussão sobre o envelhecimento na escola da vida e na vida da escola. 2013. 135f (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

SATO, L. As implicações do conhecimento prático para a vigilância em saúde do trabalhador. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 4, p. 489-495, 1996. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/csp/1996.v12n4/489-495/>. Acesso em: 17 abr. 2020.

SILVA, M. E. D. O conceito de envelhecimento. **Academia de Ciências de Lisboa**, p. 3, 2017. Disponível em: [http://www.acad-ciencias.pt/document-uploads/5249785\\_silva,-meduarte-envelhecimento.pdf](http://www.acad-ciencias.pt/document-uploads/5249785_silva,-meduarte-envelhecimento.pdf). Acesso em: 18 maio 2021.

SOLÍS, C. V. **Culturas del cuidado en transición**: espacios, sujetos e imaginarios en una sociedad de migración. Barcelona: Editorial UOC, 2009.

SOUSA, L. P.; GUEDES, D. R. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 30, n. 87, p. 123-139, 2016. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142016000200123&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142016000200123&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 06 out. 2020.

SOUZA, A. R. O professor da educação básica no Brasil: identidade e trabalho. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 48, p. 53-74, abr./jun. 2013. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/er/a/FngnXxdLgh8tdkL4qs93QLS/?lang=pt>. Acesso em: 21 fev. 2022.

TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 21, n. 73, p. 209-244, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302000000400013>. Acesso em: 12 abr. 2020.

YANNOULAS, S. Feminização ou feminilização? Apontamentos em torno de uma categoria. **Temporalis**, ano 11, n. 22, p. 271-292, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/1368/1583>. Acesso em: 28 set. 2017.

ZELIZER, V. A economia do care. In: GUIMARÃES, N. A.; HIRATA, H. (org.). **Cuidado e cuidadoras: as várias faces do trabalho do care**. São Paulo: Atlas, 2012. p. 15-28.

#### AUTORIA:

\* Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor da Universidade de Santa Cruz do Sul. Contato: moacirfviegas@gmail.com

\*\* Mestrado em Educação pela Universidade de Santa Cruz do Sul. Pesquisadora Independente. Contato: yohanna\_breunig@hotmail.com

#### COMO CITAR ABNT:

VIEGAS, M. F.; BREUNIG, Y. Trabalho doméstico, cuidado e envelhecimento: condicionamentos e arranjos na prática social de professoras da educação básica. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 23, p. 1-24, 2023. DOI: 10.20396/rho.v23i00.8669299. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8669299>. Acesso em: 5 dez. 2023.

#### Notas

<sup>1</sup> Um dos estudos que serviram de base para esse artigo contou com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições Comunitárias de Educação Superior (PROSUC).

<sup>2</sup> Embora os docentes que fizeram parte da pesquisa sejam dos gêneros masculino e feminino, priorizamos, na escrita, o uso do gênero feminino, dado que a grande maioria dos professores da educação básica é do gênero feminino. Achamos importante marcar essa identidade na linguagem, não apenas em função do aspecto quantitativo, mas principalmente pelas qualidades que fazem da profissão docente um trabalho com características femininas, cuja histórica invisibilização impede que se conheçam aspectos fundamentais do trabalho do magistério.

<sup>3</sup> A porosidade no trabalho diz respeito aos intervalos de tempo entre as operações realizadas pelos trabalhadores. Quanto menor a duração desses intervalos, menor a porosidade: “[...] um artesão que executa sucessivamente os diversos processos parciais da produção de um artigo é obrigado a mudar ora de lugar, ora de instrumentos. A passagem de uma operação para outra interrompe o fluxo de seu trabalho, formando, em certa medida, poros em sua jornada de trabalho. Tais poros se fecham assim que ele passa a executar continuamente uma única e mesma operação o dia inteiro, ou desaparecem à medida que diminuem as mudanças de sua operação” (Marx, 2013, p. 287). Nos tempos atuais de acumulação flexível, os poros são fechados pela realização concomitante de



variadas atividades ou extensão do tempo gasto na mesma atividade, permanecendo o princípio da execução contínua.

<sup>4</sup> Louro (1997, p. 9) se refere ao “[...] culto da domesticidade”, o qual veio representar, ao longo do século XIX, a “[...] valorização da função feminina no lar, através da construção de vínculos entre o espaço doméstico e a sociedade mais ampla”.

<sup>5</sup> Para a elaboração das questões desse eixo buscamos apoio no QPW-5, instrumento básico de coleta de informações do projeto WONPUM (*Working under the New Public Management*), desenvolvido em países da Europa, América Latina e Central, especialmente em instituições hospitalares e de ensino. O estudo foi coordenado por Josep M. Blanch, da Universidade Autônoma de Barcelona.

<sup>6</sup> Duas professoras foram entrevistadas mais de uma vez.

<sup>7</sup> 42 anos.

<sup>8</sup> Todos os nomes são fictícios.

<sup>9</sup> 57 anos.

<sup>10</sup> 50 anos.

<sup>11</sup> 38 anos.

<sup>12</sup> 40 anos.

<sup>13</sup> 50 anos.

<sup>14</sup> 38 anos.

<sup>15</sup> 59 anos.

<sup>16</sup> Em levantamento que realizamos no banco de dissertações e teses da Capes, período 2008-2022, encontramos apenas duas dissertações sobre envelhecimento no trabalho docente na educação básica, ambas abordando os efeitos no trabalho de professores de educação física. Já na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), constatamos a existência de uma única tese (Rodrigues, 2013), a qual, embora não aborde em profundidade a temática do trabalho, o gênero é uma categoria importante do estudo. Uma busca pelo catálogo de periódicos da Capes e na base de dados Scielo revelou alguns poucos artigos, quase todos sobre a especificidade do trabalho de professores de Educação Física e boa parte com o foco em problemas relacionados à saúde, especialmente ligados à questão da voz. Embora uma busca mais aprofundada, que contemple outros descritores e bases de dados, seja necessária para confirmar a hipótese da quase inexistência de pesquisas que discutam a problemática do trabalho docente e o envelhecimento, parece-nos que esses dados são bastante reveladores da raridade da produção sobre o tema.

<sup>17</sup> 42 anos.

<sup>18</sup> 25 anos.

<sup>19</sup> 35 anos.

<sup>20</sup> 38 anos.

<sup>21</sup> 25 anos.

<sup>22</sup> 40 anos.

<sup>23</sup> 42 anos.

<sup>24</sup> O termo “matrícula” se refere ao concurso que permitiu o ingresso no ensino público. É comum as professoras terem mais de uma matrícula, cada uma correspondendo a uma carga horária de 20h semanais.